

ALBERTO S. SANTOS

# O SEGREDO DE COMPOSTELA

## Prólogo

### *Santiago de Compostela*

A noite caía nas graníticas ruelas de Santiago de Compostela, quando um andrajoso peregrino, curvado sobre um bordão, seguia em direção à catedral. Era um homem sem idade, franzino, com uma verruga no queixo, e que percorrera milhares de quilómetros para chegar a tempo. A sua única companhia era um rafeiro que se lhe juntara em Bordéus.

– Vossa Excelência, acorde!

A porta do quarto do arcebispo de Compostela estremecia com a força dos nós dos dedos do ofegante cónego Labin.

Dom Miguel ressonava, cansado de três noites sem dormir. Os vagos ruídos que lhe entravam no sono soavam-lhe a vozes do Além. Atrás delas, um exército de demónios preparados para o julgar pela obsessão que lhe aguilhoava o espírito.

– Senhor Dom Miguel, responda, por favor!

Fora um homem desalentado que se deitara, logo a seguir às Completas. Rezara-as mecanicamente, sem prestar atenção ao sentido dos salmos. A cabeça estralejava de dor. Colocara tantas esperanças na descoberta que mudaria o rumo do arcebispado compostelano, e tudo em vão! Mandara escavar no meio do deambulatório, na cripta, na entrada, na base do Pórtico da Glória e na superfície do presbitério ao lado do Evangelho, à frente do altar-mor. Apenas descobrira desânimo e desalento. Os sonhos traziam-lhe a figura de José Canosa, o deão do cabido, escarnecendo de si num julgamento presidido por um juiz sem rosto.

– Senhor cardeal!

Labin nunca o houvera feito, mas decidiu entrar de rompante no quarto, desesperado com a ausência de resposta.

– Soltem-me, eu não fiz nada!

– Sou eu! Acalme-se, por favor!

– O que se passa, Labin?! O que fazes aqui?! – perguntou, estremunhado, sentando-se na beira da cama e tirando o capucho de dormir.

– Encontrámos, Dom Miguel! Encontrámos um túmulo!

Ao bater a meia-noite, os sinos da catedral repicavam no coração do zeloso arcebispo de Compostela. Ao quarto dia de noturnas escavações, o que ouvia era, afinal, a voz de um anjo. Atordado, vestiu-se à pressa. Não tardou a cruzar, em passos largos, a praça do Obradoiro, à frente de Labin. Parou, subitamente, com o aparecimento do vulto noturno.

– Ahhh... que susto! Vá, chega-te para lá! Isto são horas para estar aqui?! – gritou o cardeal, ajeitando o barrete quadrado, da forma romana.

– Desculpe, acabo de chegar... – respondeu o decrépito peregrino, com sotaque estrangeiro.

Com a pressa de entrar no templo, Dom Miguel nem reparara que chovia copiosamente, muito menos se tinha apercebido do homem que lhe surgira à frente, no meio da noite e vindo do nada.

– Este parece que adivinhou o dia! – disse para Labin, recomposto e de sorriso aberto, enquanto subiam a passo largo a escadaria de acesso ao Pórtico da Glória.

O cão cheirou as pernas dos clérigos e latiu. O romeiro coçou a veruga e acomodou o chapéu gasto de aba larga, completamente ensopado.

– Sim, adivinhei o dia... – comentou para o cachorro, enquanto lhe afagava a cabeça, já os dois clérigos seguiam para o destino. – Sabes bem que sim, Diógenes.

O bicho abanou a cauda e latiu de novo.

Os dois clérigos já não ouviram a resposta, nem prestaram atenção ao enigmático sorriso do peregrino que as sombras da noite escondiam. Entraram no templo esventrado em vários pontos e correram para junto do altar-mor. As vozes excitadas ecoavam ao fundo. Vislumbraram Antonio López Ferreiro que, juntamente com José Labin, estava encarregado da

direção das escavações, ao lado do mestre de obras Manuel Larramendi, do pedreiro Juan Nartallo e de um marquês galego, amigo do cardeal e que, a pedido deste, acompanhava os trabalhos desde o primeiro dia.

– O que aconteceu por aqui, amigos?

– Desta vez, senhor cardeal, parece que a sorte nos bateu à porta. Santiago fez mais um milagre – respondeu López Ferreiro.

Os archotes deixavam adivinhar o brilho nos olhos daquele homem, tão interessado na arqueologia, antiguidades e tudo o que respeitasse à velha tradição compostelana.

– Vá, Nartallo, conta lá ao senhor cardeal o que descobriste!

– Depois de retirarmos a lousa, debrucei-me no buraco e vi um túmulo que parece ser de pedra e tijolos – respondeu um homem moreno, baixo e ralo de cabelos, com as mãos e a cara sujas de pó. – Está lá no fundo!

– Só um?! – perguntou o cardeal, apreensivo. – Era suposto serem três... Hummm... este pode ser o primeiro. Ou, quem sabe... – Dom Miguel coçava o queixo, enquanto pensava. – Vá, toca a destapar isso e vamos ver o que há!

O coração de Nartallo batia forte e sem compasso. Encheu o peito de ar, procurando acalmar as emoções. Era um homem simples, do povo, profundamente devoto do apóstolo, a viver um momento mágico ao lado de gente influente, que nele confiava para descobrir a mais sagrada relíquia do ocidente.

Comovido, desceu pelo buraco, entrou terra adentro, com um candeeiro de petróleo na mão. Pousou-o junto ao túmulo, para lhe alumiar o sagrado labor. Com um martelo e um escarpelo tirou dois tijolos laterais do sepulcro. Os ladrilhos caíram no chão. Pegou no candeeiro e deu luz ao interior.

– Argggghhh... – gritou, recuando, como se tivesse apanhado um murro no estômago.

– O que foi?! – interrogou Ferreiro de imediato, na parte de cima.

O pedreiro tossia e não conseguia articular as palavras.

– Nartallo! – Larramendi enfiava a cabeça na abertura da laje. – O que se passa, homem?!

Um nervoso miudinho corroía os ventres dos clérigos.

Sem que alguém o tivesse percebido, o peregrino e o cão entraram na catedral e fundiram-se numa coluna, duas sombras fantasmagóricas mais que as luzes trémulas compunham para habitar a noite do templo. Dobrado no buraco, Larramendi via o sujo pedreiro com a boca e o nariz tapados pela mão, enquanto se dirigia como podia, de olhos esbugalhados e húmidos, para a saída. Já perto do mestre de obras, fez sinal para que o deixasse passar. Entregou o archote e ergueu-se, lívido como um cadáver, para voltar ao solo da catedral, ainda a tossir. Larramendi ajudou-o a sair da cavidade, amparou-o com os braços e sentou-o num banco. Em tantos anos de trabalho conjunto, nunca vira Nartallo naquele estado.

Lá fora a chuva não parava, como era hábito nos invernos galegos. Mas os emocionados habitantes da catedral compostelana não reparavam nas gordas bátegas que se abatiam sobre o telhado e as janelas da catedral. Um semicírculo de homens, curvados sobre o trabalhador, aguardava que este se recompusesse.

– O que aconteceu, Nartallo?!

– Eu vi... Eu vi uma caixa aberta no sepulcro... Havia algo lá dentro, pareciam ossos – explicava, a custo. – Mas exalava tanto fedor que quase morri...

Payá respirou fundo e os olhos brilharam. Os pensamentos corriam vertiginosamente e um sorriso vitorioso no rosto inteiro sublimava-lhe o gáudio interior: aquele dia 28 de janeiro de 1879 haveria de ficar gravado na história da cristandade com vigorosas e bem desenhadas letras de ouro!

– Eu sabia... Eu sabia... Graças a Deus... – murmurava, enquanto Nartallo recuperava da náusea.

Enlaçado nos pensamentos, o cardeal circulava nervosamente de um lado para o outro, com as mãos atrás das costas, sobre o lajeado do templo. Agora só precisava de colocar o plano em ação. Estava tudo previsto, caso conseguisse concretizar a pia missão: provar cientificamente que o sacro corpo que aquela catedral guardara durante tantos séculos era, sem margem para dúvidas, Santiago Maior, o filho do Zebedeu.

– Quero ver a cara desses incréus! Dizem que não acreditam que aqui repousam os ossos do nosso santo apóstolo?! – resmoneou, esfregando as mãos, enquanto congeminava o que fazer a seguir. – Labin, vai chamar Dom José Canosa! – pediu, com uma piscadela de olho.

Acreditando na tradição de que o túmulo se encontrava debaixo do deambulatório da catedral compostelana, havia preparado a estratégia ao pormenor: os peritos que analisariam os achados; os historiadores que emitiriam o parecer; e, claro, as festas que haveria de organizar por tão extraordinárias notícias. Fora grande a desilusão quando, nos primeiros dias, os trabalhadores apenas descobriram uma cripta retangular com dois compartimentos: um edifício sepulcral romano com unguentários, lacrimatórios, um anel, colares e adornos femininos, uma pedra de quartzo cor-de-rosa, um cavalinho de barro, brinquedo de uma criança romana, moedas e várias peças de uso doméstico de vidro azulado. Mas do túmulo que buscava... nada! Agora, num ápice, a roda da fortuna girara para o fazer feliz!

– Quero ver a cara do Canosa quando vir isto! Oh, se quero! – Dom Miguel rodopiava no próprio murmúrio. – E de alguns membros do cabido! Sempre a desconfiarem das ideias do cardeal!

Pela imaginação de Miguel Payá corria a imagem dos peregrinos a voltarem e a abonarem os exauridos cofres do arcebispo. A culpa da carestia devia-se à abolição da renda que os camponeses de Espanha e do norte de Portugal pagavam à clerezia compostelana, o Voto de Santiago, instituído por Ramiro I, na sequência da mítica batalha de Clavijo, a 23 de maio de 844, quando Santiago aparecera, providencial, em carne e osso, para mudar a sorte da peleja contra os sarracenos. Por muitos e muitos séculos, as primícias das colheitas e das vindimas passaram a pertencer à igreja de Compostela, nos territórios cristãos defendidos e nos que a seguir se tomaram aos mouros. Naqueles fervorosos tempos perdidos na bruma da História, Ramiro achara que era a mais que merecida quota-parte devida ao apóstolo, nos despojos de guerra, pela forma como, de espada em punho, este o ajudara a escorraçar os mouros.

Discretamente, o delgado peregrino aproximara-se e sentara-se num banco, a poucos metros dos acontecimentos. Olhava com atenção para os homens felizes e para o pedreiro convalescente. Aconchegou-se num manto seco que tirara de um saco para se proteger do frio. O seu coração também se alegrava, mas ninguém ali sabia da razão. Perante o magnífico altar da catedral, de onde emanava um leve odor a bafio e a pó, misturado com velas e incensos queimados, recordava episódios antigos e

esquecidos, que marcaram um tempo extraordinário no ocidente, no distante século IV. Puxou Diógenes, o obediente cachorro, para si e fez-lhe sinal para que se mantivesse aninhado ao seu lado.

– Como vos lembrastes de escavar aqui, López?

– Senhor cardeal, de cada vez que cantávamos sobre este local a antifona *Corpora Sanctorum in pace sepulta sunt*, olhava para a estrela no mosaico e para a abóbada, onde estão pintados os atributos do apóstolo, incluindo a arca e a estrela. Alguma coisa isso queria dizer... Um sinal dos nossos antepassados...

– Que bela intuição, meu bom amigo!

– Agora, importa decidir o que fazer: paramos por aqui ou continuamos os trabalhos e abrimos o túmulo?

– Essa é uma boa questão, López Ferreiro... Deixa cá ver...

O cardeal, com o peso dos seus 67 anos, apertava as bochechas que lhe pendiam da cara larga, enquanto pensava. O cheiro intenso do fumo das velas e archotes, misturado com o odor a petróleo dos candeeiros, não o incomodava, apenas a pouca luz que debitavam.

Entretanto, o peregrino viu Labin entrar acompanhado de outra eminência. Ateveu-se a ler-lhe os pensamentos e percebeu que trazia consigo a semente da desconfiança.

– Bem-vindo, Dom José Canosa! Temos boas notícias! – informou Payá, regozijando-se interiormente.

– Boa noite, Dom Miguel! Sim, já me constou. Temos uns ossos, não é? – perguntou o deão do cabido, do alto de um olhar seco e rosto majestático.

– Nartallo não tem a certeza, mas parece que sim... E devem ser bem antigos!... O cheiro quase o matava. – Payá controlou-se, para que fosse o cético a comprovar com o próprio nariz.

Entretanto, a notícia correrá pelo Paço Episcopal. Blanco Barreiro e vários outros cónegos não tardaram a aparecer no templo.

O peregrino ardia de curiosidade para saber se era chegada a hora do motivo que ali o trouxera. Viu o cardeal conferenciar com López Ferreiro e o amigo secular, o jovem marquês galego filho de amigos íntimos, que se mostrara interessado em acompanhar os trabalhos.

– O que achais que devo fazer? Mandar abrir o túmulo agora e verificarmos o que está dentro, ou esperar que cheguem os peritos?

Vários argumentos foram arrazoados pelos presentes. Só Dom José Canosa achou mais prudente aguardar pelos peritos. A maioria, liderada pelos argumentos do cónego Jacobo Blanco Barreiro, tendeu para o que desejava o cardeal. Alegava, com o agrado de Payá, que os científicos teriam muito tempo, a partir do dia seguinte, para investigar e certificar os achados. E que ninguém conseguiria dormir sem conhecer o conteúdo do sarcófago.

– Abra-se o túmulo! – foi a sentença do cardeal.

– Vamos abri-lo! – ordenou Labín aos dois trabalhadores.

Apressaram-se, então, a retirar mais pedras do pavimento para ampliar a entrada para o espaço vazio no subsolo da catedral. Quando conseguiram largueza para entrar mais à-vontade, um silêncio sepulcral alojou-se entre as paredes do templo. Dom Miguel reparou, pela primeira vez, que trovejava e chovia torrencialmente. *Um sinal do apóstolo*, pensou, lembrando-se que ele era o *Filho do Trovão*. Tossicou, com os fumos e cheiros que ali se acumulavam.

– O santo fez um milagre...

– Não tenho dúvidas que fez um milagre! A Galiza pode orgulhar-se do seu santo... Patrono da Espanha, não é?!

Payá olhou para o lado, estupefacto. Aquela voz com sotaque não era de nenhum dos cónegos, mas do esfarrapado peregrino que encontrara à porta e espreitava agora para dentro do buraco.

– O que fazes tu aqui, homem de Deus?!

– Sou um peregrino, senhor cardeal!

– E entras para a catedral com um cão?!

– Diógenes também é criatura de Deus, Eminência!

Payá franziu o sobrolho e deu um passo em frente, fixando-se na veruga do estrangeiro.

– De onde vens?! – perguntou, desconfiado.

– De longe... Da cidade de Tréveris, na Alemanha. Não imagina, senhor cardeal, o tempo e as penas por que passei para aqui chegar... Mas cheguei na hora certa! – afirmava, sorrindo, com o cachorro ao lado, abanando a cauda. – Estou muito feliz!



– Não devias estar aqui... – resmungou o cardeal.  
– Vossa Eminência não me vai proibir de venerar as sagradas relíquias do santo, pois não?!

– Esta não é a melhor altura – respondeu, quando se ouviam ruídos do interior do subsolo. – Como te chamas?

– A mim... chamam-me *O Cristo*...

Payá olhou de esguelha para o peregrino e desfez-se numa gargalhada.

– Vá, se és *O Cristo*, fica por aí, mas não atrapalhes. Vais poder ver o teu apóstolo... – condescendeu, crendo tratar-se o romeiro de um bom augúrio para a retoma das peregrinações por que tanto ansiava.

O peregrino afagou a cabeça do fiel companheiro e voltou a sentar-se, perante alguns olhares curiosos.

– Então, o que se passa aí?!

– Estamos a remover a tampa de lousa, senhor cardeal!

Depois de terminar o ruído do arrastamento, seguiu-se um novo silêncio, quer na parte de cima, quer entre os que se encontravam nos trabalhos. Em baixo, os fachos de luz concentravam-se na abertura do sepulcro.

– O que veem?

– Ossos e cinzas, senhor cardeal! Parecem muito antigos – respondeu Labin. – E também algumas pedras que compuseram um mosaico romano e pedaços de mármore, uns lavrados e outros em bruto...

Um largo sorriso abriu-se ao longo do rosto do prelado. O grupo fundiu-se em abraços de felicidade. Como previra o cardeal, a missão estava votada ao sucesso. Ajoelharam-se e rezaram quase todos em profunda devoção.

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo e o seu apóstolo Santiago Maior, o patrono da Espanha! – exclamou Payá y Rico, muito feliz.

Dom Miguel imaginara-o e assim se cumpria: aquele dia ficaria para a História e ele também! A descoberta das relíquias que durante tantos séculos se mantiveram escondidas, muito raramente vistas, era um extraordinário acontecimento.

Entretanto, o romeiro havia-se ajoelhado, parecendo rezar. Ao ouvir a troca de palavras entre Labin e Payá, ergueu-se, tirou do alforge uma rosa e atirou-a para dentro do buraco, para estupefação geral.

– Porque fizeste isso? – questionou, apressadamente, Payá.  
– É uma rosa azul que guardo há muito para este momento.  
– Azul?! Não há rosas azuis, tonto! – respondeu, olhando detalhadamente para a flor que aos seus olhos era cor-de-rosa, enquanto murmurava para o lado: – Este não está bom da cabeça... ou é daltónico...

Todos se riram.

– A minha é azul...

– E onde a arranjaste?! – perguntou, divertido. – Nunca vi rosas azuis...

– Colhi-a na minha terra e guardei-a para esta ocasião – respondeu, com misteriosa serenidade. – Mas, de facto, tem razão: não há mais... Não haverá mais... É a última, senhor cardeal...

A assistência cochichava freneticamente sobre o insólito a que acabara de assistir. Mas logo as atenções mudaram, radicalmente.

– Senhor Dom Miguel Payá y Rico!

A voz que subia do ventre da imponente catedral não soou bem aos ouvidos do arcebispo de Compostela. Era hora de escutar os acordes da jubilosa alegria. Mau grado, não era a música celestial, nem os habituais cânticos afinados que surtiavam das gargantas dos clérigos da catedral e que ecoavam nos graníticos recantos, gerando um momento místico e de grande elevação para o espírito. Não! A voz que emergia dos fundos do sagrado templo parecia solta de um inferno, apesar de se resumir a seis breves palavras:

– Senhor Dom Miguel Payá y Rico!

Soaram-lhe secas, trémulas, ansiosas, amedrontadas, misteriosas. E, além do mais, o cardeal nunca tinha ouvido Labin a tratá-lo com toda a deferência do nome completo, fora das comunicações institucionais.

– Diz-me, Labin...

Nos fundos, morava novamente o silêncio. O inquieto Dom Miguel ajustou melhor o olhar para tentar descortinar o que acontecia no subsolo. López Ferreiro surgia debruçado sobre algo, cujo corpo tapava, ostensivamente. O mestre de obras Manuel Larramendi e o canteiro Juan Nartallo encostavam-se a um monte de pedras, sem entenderem o que o assustara. Labin acenava com a mão direita, chamando Payá.

– Precisas mesmo que desça?!

– Sim, Dom Miguel! Peço que chegue aqui, por favor!

O cardeal olhou à volta. O coração batia-lhe com pressa. Não ousou perguntar a razão do pedido do cônego, pois a sua intuição avisava-o para não o fazer. Chamou o jovem marquês para o ajudar a descer. Todos os outros usavam batina, o que podia atrapalhar os movimentos. Já bastava a dele, que teve de arregaçar com as mãos. Por isso, precisava de alguém que o amparasse.

– O que se passa aqui, amigos? – perguntou, numa voz abafada, logo que tocou os fundos, depois de uma perigosa descida, através de pedras pouco seguras.

– Leia esta lápide, por favor! Está escrita em latim!

Labin afastou-se e colocou o candeeiro junto à pedra escrita. O jovem marquês, instruído na língua clássica que aprendera nas aulas do seminário, colocou-se ao lado do cardeal, e foi ele que o amparou no desfalecimento. Quando se recompôs, olhou para as profundezas, com um aperto no peito.

– Não pode ser!... Meu Deus, como é possível?! – resmoneou, entre dentes, lívido como a morte. – Destruam imediatamente essa pedra!

A alguns metros atrás, o peregrino ergueu-se do banco, encheu o peito de ar e esboçou o mesmo enigmático sorriso que dirigira a Payá, na praça do Obradoiro. De seguida, ajoelhou-se, aconchegou o cão ao seu lado, dobrou a cabeça, juntou as mãos e rezou em silêncio:

*Quero libertar e ser libertado,*

*Quero salvar e quero ser salvo.*

*Quero criar e ser criado,*

*Quero cantar e ser cantado.*

*Dançai todos juntos!*

*Quero chorar: golpeai-me no peito!*

*Quero ornar e serornado.*

*Sou candeia para ti, que me vês.*

*Sou porta para ti, quem quer que sejas tu que bates.*

*Tu vês o que eu faço, não o nomeies.*

*Com o verbo ensinei, e com o verbo não sou iludido.*